



Uma aquarela do Brasil contemporâneo. Mas uma aquarela ao avesso

Qual é o perfil do brasileiro? A extensão territorial ajuda? E as instituições públicas, como funcionam? Merecem crédito? O executivo, em nosso sistema presidencialista, detém um poder quase imperial. E o legislativo, como se comporta? O nosso aparelho judiciário funciona? E a classe política? Como vão os partidos políticos? E os intelectuais de esquerda? A imprensa, como se faz seu trabalho? E o empresariado?

Por Wilson Luiz Saravio

Brasil: se você está tranqüilo é porque está mal informado. O nosso país vai completar 500 anos e os brasileiros ainda não criaram juízo. E, às vésperas dos seus 500 anos, o país não tem motivos para comemorar. Antes, pelo contrário, o momento é de reflexão e de autocrítica.

Gilberto de Mello Kujawski, no seu livro *A Pátria Descoberta*, indaga: "Seríamos o tipo do país inviável, sem vocação alguma para a seriedade e a ordem, o trabalho responsável e o espírito público?" Vou tentar, em rápidas pinceladas, traçar uma aquarela do Brasil contemporâneo. Uma espécie de aquarela às avessas.

E vou começar pelo povo, que é o grande patrimônio de uma nação. Talvez dos 160 milhões de brasileiros, mais de um quarto nem mereçam ser incluídos neste rótulo, pois sobrevivem em condições subumanas. São mais de 40 milhões de miseráveis absolutos, excluídos dos benefícios sociais, praticamente fora do circuito monetário, que perambulam pelas zonas rurais e bolsões de miséria das cidades. É a turma dos sem teto, sem terra, sem emprego e sem esperança. Temos até um ministro do atual governo (Ministério do Esporte e Turismo) que vê na miséria do povo um certo lirismo. Isto me lembra o humorista Bob Hope: "Deve ser bom ser pobre. Tem tantos!"

E qual é o perfil do brasileiro? É impossível traçar um perfil sem cair no estereótipo ou na generalização superficial. Muitos já tentaram, mas as

Seja qual for o perfil do brasileiro, ele ainda é a grande reserva do País para seguir adiante

pessoas e as sociedades são complexas, mudam e desafiam todas as camisas de força sociológicas. É o jeca, doente e preguiçoso, do Brasil rural de Lobato. É o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade. É a resultante das três raças de Gilberto Freyre. É o homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda. É o fanático por futebol e carnaval, na visão dos europeus. O cineasta italiano Franco Zeffirelli, após assistir a um desfile carnavalesco no Rio, afirmou: "O Brasil é o último país feliz do mundo." Claro está que estas são visões unilaterais e/ou estilizadas de um fenômeno muito mais complexo, que envolve aspectos sociais, históricos, ambientais, econômicos, culturais e tantos outros. Há vários Brasis, e só para ficar num exemplo, o melting-pot no Sudeste-Sul do país representa uma interação dos imigrantes de várias procedências do mundo com a população autóctone. Mas, seja qual for o perfil do brasileiro, ele ainda é a grande reserva do País para seguir adiante.

E a terra brasileira? A extensão territorial ajuda? A dimensão continental do país talvez seja uma desvantagem. O Brasil é um mosaico de estruturas geo-econômicas, com problemas específicos e soluções diferenciadas. O Brasil amazônico apresenta desafios diferentes do Brasil dos pampas ou do centro-oeste. É um país complexo, com uma integração territorial frouxa e um pacto federativo surrealista. Mais surrealista, ainda, é a situação no campo de um país com vastas extensões de terra, onde se trava um conflito entre as oligarquias rurais (latifúndios improdutivos) e o

MST (organização radical de inspiração marxista-leninista). Nesta guerra, além dos heróis e vilões de ambos os lados, há principalmente vítimas. O governo tem-se demonstrado impotente para administrar este conflito. Pudera, o Brasil é uma máquina gigantesca operada por pigmeus. O processo de urbanização no país é crescente (o fenômeno é mundial) e apenas transforma miseráveis rurais em urbanos (são as massas urbanas). Essas migrações incham as cidades, ampliam os bolsões de miséria, contribuem para o aumento da violência e multiplicam todos os tipos de problema (habitação, educação, saúde, saneamento básico...). Como explicar para o povo e para o Mundo que um país com um território gigantesco e rico tem uma das piores distribuições de renda do planeta. Os economistas, daqui e dali, tentam explicar o paradoxo com teorias bem arrumadas e só conseguem estabelecer uma cacofonia na cabeça das pessoas.

E as instituições públicas, como funcionam? Merecem crédito? Se a pessoa que atender ao telefone não souber responder à nossa pergunta, pode estar certo, acabamos de ligar para uma repartição pública. É esse o nível. O Estado - na óptica de Anatole France - é um sujeito mesquinho e descortês sentado atrás de um guichê. Além de mesquinho e descortês, pode-se acrescentar ineficiente. Outro flagelo é a corrupção e a rotina dos escândalos na administração pública - em que um escândalo abafa o outro - provoca uma quebra de confiança no Estado. Pode-se desdobrar esta análise equacionando os três poderes da República.

O executivo, em nosso sistema presidencialista, detém um poder quase imperial. É uma rotina o presidente governar à base de medidas provisórias. Por outro lado, o governo tem um braço longo e outro curto: o longo serve para tomar e ele atinge a todos; o curto serve para dar e ele atinge só os mais próximos. É aí que reside a perversidade do poder: pai extremo para os apaniguados e os detentores das riquezas e padrao para o povo. O executivo faz barganhas e consegue tudo o que quer, na base do "dando que se recebe". O instituto da reeleição para o presidente FHC é o modelo exemplar desse tipo de comportamento.

E o legislativo, como se comporta? Na ilha da Fantasia (Congresso Nacional) e nas casas legislativas provin-

Nossos parlamentares resolvem todos os problemas sociais (saúde, educação, emprego...) por meio de regras escritas

ciais e paroquiais os nossos inclitos parlamentares, possuídos de uma fúria legiferante, resolvem todos os problemas sociais (saúde, educação, habitação, estabilidade no emprego...) por meio de regras escritas. E esse ciclo de leis e decretos acaba engessando a economia do país. No Brasil tudo está assegurado na constituição, principalmente na Constituição Besteiraol de 1988. É inconstitucional passar fome, a criança ficar sem vaga na escola de 1º grau... Os nossos zelosos congressistas esqueceram de decretar a inconstitucionalidade das secas do Nordeste, das enchentes de São Paulo...

O nosso aparelho judiciário funciona? Além de ineficiente e obsoleto, é

uma caixa preta. A ele falta transparência. Parece que, agora com a CPI do Judiciário, as mazelas estão aparecendo: nepotismo, fraudes, subornos, enriquecimentos ilícitos... Estão abrindo a caixa de Pandora. Por outro lado, uma tradição de impunidade tem um peso importante na escalada de violência, na corrupção endêmica, no crime do colarinho branco. Os crimes financeiros, por exemplo, dificilmente são punidos por várias razões: morosidade da justiça, falta de conhecimento especializado dos que conduzem as investigações (juizes, procuradores, parlamentares das CPIs...).

E a classe política? Esta merece uma análise à parte. A galeria dos políticos é imensa: corruptos, messiânicos, demagogos, oportunistas, farsantes, radicais, deslumbrados, fisiológicos, ideológicos... E, talvez, os piores sejam aqueles que vivem afirmando que não são políticos. Os políticos se parecem no mundo inteiro: são insinceros, adoram privilégios, se julgam o umbigo do mundo, além do que um contingente não-negligenciável é corrupto. A praga da corrupção, embora exista em todos os países, assume proporções alarmantes na América Lati-

Faltou ao Congresso decretar a inconstitucionalidade das secas do Nordeste, das enchentes de São Paulo...

na, onde está institucionalizada. E o pior, nós vivemos no regime da "impunocracia" com a tal da imunidade parlamentar, um verdadeiro inferno. A propósito, o satírico Sofocleto disse: "O inferno deve ser algo assim como a América Latina, mas a sério." E nós somos o bananão desse inferno. Os políticos que tanto falam em cidadania (até já desgastaram o significado da palavra) são os únicos cidadãos de 1º classe de nossa sociedade. Talvez aqui eu esteja cometendo um equívoco, a alta magistratura também goza dessa regalia, assim como os marajás do serviço público, os aposentados "especiais"... Privilégios... privilégios... privilégios... Ao arbitram os seus próprios subsídios, os parlamentares afirmam que precisam ser bem remunerados para exercer com eficiência e independência seu mandato. E os outros, não precisam? Os médicos, que lidam com a vida das pessoas; os professores, que formam os cidadãos da pátria; os policiais, que ariscam a vida enfrentando os bandidos; os bombeiros...? As nossas casas legislativas refletem um pouco uma sociedade desorganizada e macunâmica. Uma espécie de ópera tragicômica-tropicalista. Certos políticos e homens públicos estão "metalizados" e só sabem gerir a coisa pública no regime da propina. E o mais estarrecedor é o despouramento do político acusado de corrupção: ao invés de ficar deprimido ou indignado, ele reage com uma indiferença olímpica. E cada dia que passa o nosso desencanto é maior, pois quando acreditamos que estamos na pior as elites dirigentes capricham e conseguem piorar ainda mais. Isto me lembra um ditado argentino: "Estávamos melhor quando estávamos pior".

No Brasil os partidos políticos são meras siglas. A maioria com muita retórica e nenhum projeto alternativo para o país. Alguns poucos com muita ideologia e órfãos de idéias. O partido com forte embasamento ideológico é

infenso ao diálogo, é intolerante, e tolerância é sobretudo respeitar quem pensa diferente de nós. Os partidos não podem ser balizados por doutrinas rígidas, até mesmo porque quando todos pensam igual é sinal que ninguém pensa muito. Já os partidos fisiológicos têm um "estômago forte", que lhes permite provar de todos os pratos e estão sempre dispostos ao diálogo utilitarista e sua relação com o poder é promíscua.

E os intelectuais de esquerda no Brasil? Eles se julgam a vanguarda da sociedade, uma espécie de farol para iluminar os caminhos da redenção social. Eles detêm um poder de sedução importante, principalmente sobre os jovens. Na minha opinião são seres messiânicos, que estão sempre prontos para discutir qualquer assunto em nome de um punhado de princípios. Eles têm uma necessidade, quase visceral, de se armar com um sistema para explicar e transformar o mundo. Este sistema tem de explicar desde o desemprego na América Latina até os terremotos no Japão. Nestes sistemas todas as perguntas têm respostas, tudo se encaixa perfeitamente. Parece que os intelectuais são grandes fabricantes de mitos e encerrar o mundo em sistemas ou ideologias é, no mínimo, um comportamento totalitário dessa "vanguarda da sociedade".

E a imprensa, como ela se comporta? A imprensa, antigamente chamada o quarto poder e que hoje recebe o nome composto de mídia, é uma espécie de voz de Deus no mundo contemporâneo. Todos têm que se curvar a ela: poderosos, homens públicos, políticos e os cidadãos comuns. O seu poder de manipulação e de intimidação é descomunal. Ela condena antes de julgar e pode decretar o linchamento moral e, até, a morte política ou cívica de um cidadão. As mídias eletrônicas transformam a notícia num show: parece que o meio é mais importante do que a mensagem. Num país com um grande contingente de analfabetos e semi-alfabetizados o poder hipnótico-encantatório da tevê é ainda maior e mesmo para os telespectadores alfabetizados a avalanche de informações não permite uma reflexão sobre as mensagens recebidas. O brasileiro está impregnado pela Rede Globo, de sorte que ele liga o televisor para assistir o *Jornal Nacional*, não para tomar conhecimento das notícias. A propósito, por ocasião da última Co-

Nós vivemos no regime da 'impunocracia' com a tal da imunidade parlamentar, um verdadeiro inferno

pa do Mundo, o *JN* dedicava 90% do seu espaço ao futebol, como se o Brasil e o resto do mundo estivessem congelados para tudo o mais e respirassem só o evento esportivo da França. O *JN*, assistido toda noite por mais de 80 milhões de espectadores, veicula o que interessa e oculta o que não interessa à Rede Globo. A imprensa escrita é de melhor nível, entretanto os jornais e revistas do país sofrem, no momento, de uma onda de alarmismo e denunciamento. Para o jornalista tudo o que é provável é verdadeiro e frequentemente ele estupra a verdade. Lamentavelmente para a imprensa, a boa notícia é a má notícia. Fala-se hoje tanto em ética nos negócios, ética na política, ética na ciência... e ética

no jornalismo. Aguardamos, ansiosamente, que ela entre em vigor o mais rápido possível.

E o empresariado brasileiro? Quase na sua totalidade é imediatista e visa só o lucro. Raros são os empresários que têm um compromisso com o social. São homens de negócios e muitos ainda praticam aquele capitalismo selvagem, modulado pela mão invisível do mercado, pela especulação, pelos comportamentos excusos na relação com o poder público... É preciso levar em conta, também, que os setores produtivos são muito prejudicados por uma legislação trabalhista obsoleta, pela complexidade e excesso de tributos do governo e por excessos na regulamentação que emperram o funcionamento das empresas.

O certo é que as nossas classes dominantes (as que detêm as riquezas) são insensíveis e são co-responsáveis por uma das piores distribuições de renda do mundo. Elas têm uma tradição autoritária (no estilo: "Você sabe com quem está falando?") e são usurpadoras dos bens públicos e privados. Depois de tudo isso ficam perplexas quando são obrigadas a circular na sua Mercedes blindada e quando têm

As mídias eletrônicas transformam a notícia num show: parece que o meio é mais importante do que a mensagem

que morar em verdadeiros bunkers.

As saídas, onde estão as saídas? Alguns, com veia humorística, diriam no aeroporto de Guarulhos e no Galeão. Mas não existe mapa. Como fazer correr a "canaille" que aí está: os políticos fisiológicos/desonestos, o "improbis" administrador, os especuladores, os fiscais da propina, os juizes corruptos...? Não existem fórmulas. O caminho passa por um longo processo de maturação individual/social, de sorte que a organização da sociedade, nos seus diversos segmentos, proporcione a ela instrumentos para vigiar o Estado, para depurar a classe política e exigir correção e eficiência dos três poderes. Esta revolução branca deve começar no plano individual, por meio de uma profunda reflexão crítica do papel de cada um de nós na sociedade. Para estar em boa companhia é preciso começar as transformações por nós mesmos, o que significa que cada cidadão deve procurar desempenhar o seu papel com consciência social. Simultaneamente, é preciso que a sociedade se organize em suas bases, partindo de segmentos desengajados do ponto de vista político-partidário, exatamente para fiscalizar o Estado, os partidos políticos e as instituições de um modo geral. Tem que haver uma "culpabilidade" entre indivíduo-e-sociedade para que isto se materialize. Entretanto, criticar os partidos políticos e o Estado não significa desejar a sua supressão. Eles são necessários para o funcionamento da democracia, mas não são suficientes para canalizar e concretizar os anseios da sociedade.

Ao concluir, quero pedir desculpas ao saudoso Ary Barroso pelas cores sombrias desta aquarela. Mas, apesar do desencanto e do desabafo quero fazer uma declaração de amor bem ao estilo do escritor e diplomata Gilberto Amado: "Eu sou um detrator público e um apaixonado secreto do Brasil."

Wilson Luiz Saravio é médico e professor universitário